



A condição do indivíduo na pós-modernidade: leituras de Bauman e Lipovetsky

Fabio Alves Ferreira¹
Givaldo Henrique Gomes Santos²

RESUMO

Neste artigo é realizada uma exposição da filosofia de Zygmunt Bauman e Gilles Lipovetsky. Ambos desenvolveram amplas reflexões sobre os modos de vida contemporânea. Ambos dão destaque aos valores que regem o comportamento dos indivíduos. Ambos vêem o momento atual como ambivalente: (a) vivemos mais, manipulamos a natureza a nosso favor; (b) de outra perspectiva, sofremos intensamente o tédio e escoamos as tristezas por meio de um consumo desregulado, que pretende a afirmação de um modo de vida narcisista, frágil e superficial. Nosso objetivo é o de lançar um olhar sobre a condição do indivíduo na pós-modernidade e compreender os padrões de comportamento contemporâneos.

Palavras-Chave: Indivíduo, pós-modernidade, racionalidade.

Recebido em 15/05/2017

Aceito para publicação em 18/04/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i1.15981>

Introdução

É explicitamente predominante, na história do pensamento social no mundo, a ideia de que a razão é o lugar privilegiado da mudança. É considerada a plataforma de onde pode emergir o acordo, o consenso quando há os desafios comunitários. Razão, desde essa perspectiva, significa emancipação (HABERMAS, 2000; FREITAG, 1986). Em tempos recentes, a razão continua sendo o elemento fundamental no ‘perdurar’ e no ‘efetivar’ das instituições como estruturas fundantes da ordem e de quem somos (BOUDON, 2002;

¹ Graduado em Ciências Sociais pela UFRPE, mestre em Ciências da Religião pela UMESP, Doutor em Sociologia pela UFPE e professor adjunto da Universidade de Pernambuco - UPE. E-mail para contato: fabio_a1@yahoo.com.br.

² Discente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UPE. E-mail para contato: givaldo2202@gmail.com.

CHARON, 2004; BERGER, 1978). Contudo, outros aspectos extravasam essa concepção de modernidade. Estes tentam compreender as novas condições culturais e históricas que determinam o sentido da vida, constroem sujeitos, impõe novas subjetividades e forjam sentido. Para alguns é uma hipermodernidade, sociedade pós-tradicional, sociedade de risco, modernidade líquida, pós-modernidade, dentre outros (GIDDENS, 1991; BECKER, 2011; BAUMANN, 2001, 2003, 2004; LIPOVETSKY, 2004; HARVEY, 1998). Contudo, nenhum analista deixa de reconhecer o limite das análises, no sentido da dificuldade em determinar esse tempo como uma nova sociedade, ou como um período, ainda em transição, rumo a uma sociedade mais estável. Embora haja diferenças nessas concepções, o indivíduo é problematizado por todas elas. As ideias culminam na perspectiva de que os indivíduos contemporâneos são complexos, múltiplos, caleidoscópicos e experimentadores diretos das transformações recentes. Neste artigo, perguntamo-nos quais são as condições desse indivíduo em tempos tão fugidios. Para compreender melhor, lançamos mão das interpretações de Zygmunt Bauman e Gilles Lipovetsky.

Iremos discorrer, com ênfase, a partir dos estudos realizados pelos pensadores acima destacados. Nosso cuidado é o de evitar asserções idealistas sobre o modo de vida contemporâneo. É bem verdade, por exemplo, que a linguagem é construtora do mundo e nem sempre é maleável. Forja um mundo concreto, intersubjetivo e estruturado. Por outro lado, a forma em que a construção do self ocorre, ultrapassa as categorias tradicionais. A ênfase no corpo, na ação e em sentimentos dão o tom de dificuldade, uma vez que as identidades coletivas se dão em detrimento destes aspectos como novas formas de subjetivação e reconhecimento, de potencial de ação no mundo. A linguagem, nesse sentido consiste num bem social (GOFFMAN, 1996) à mercê da performance do indivíduo que pretende responder a estímulos a partir da realização de seu self.

Ambos autores, aqui destacados, exploram com veemência estes aspectos. No que se refere ao corpo, por exemplo, há uma ética da intensificação da experimentação. Uma mirada para os espaços comunitários como “academias de musculação” e/ou “spa de de terapias corporais e psíquicas” pode evidenciar mais substantivamente a ideia vigente de que podemos mais; de que estamos aquém do potencial físico. Por vezes, esse estímulo ao consumo e a uma redefinição do ‘eu’ como agente do consumo, reforça e estimula manifestações hedonistas, individualistas além de que contribui para aceitação do ser humano como mercadoria, cuja razão é um frenesi da busca pela felicidade. Essa felicidade, diga-se pontualmente, está embasada no fruir de

experiências sensoriais e na intensidade do que elas representam. O consumo de fármacos em linha recorde, por exemplo, já estabelece a distopia do indivíduo moderno. Sua sensação de vazio e a necessidade de sutura (LIPOVETSKY, 2007; BAUMAN, 2001; PONDE, 2014; KEHL, 2009).

De um lado a liberdade representada em termos de êxtase. De outro, a configuração de indivíduos abertos, ansiosos e consumidores. O fracasso, por exemplo, é banido do repertório atual. Os livros de autoajuda são um expediente do que interessa saber, de quais habilidades precisa-se e de como o indivíduo deve reger seus sentimentos. Um mundo real e confuso, um mundo ideal e frenético, um sujeito paradoxal. O que Zygmunt Bauman e Gilles Lipovetsky dizem sobre isso?.

Gilles lipovetsky: o consumo como reconhecimento

Gilles Lipovetsky é um filósofo francês, nascido em 1944 em Millau. É um estudioso da sociedade contemporânea e a enxerga em termos de desorientação de valores. Baseia-se na análise do luxo para desnudar os comportamentos sociais contemporâneos e a dinâmica de um capitalismo que vincula consumo e felicidade. Mesmo que haja uma crise econômica e política em várias sociedades do planeta, o luxo nunca deixou de existir como um padrão que mede a qualidade de vida. Essa é uma das teses de Lipovetsky. Para ele, o indivíduo é posto como hiperinflacionado em seu potencial de ação, no mundo. Pode consumir, ter prazer e reconhecimento naquilo que realizou.

Essa é a Cultura-Mundo dos tempos hipermodernos. Segundo Lipovetsky, implica num campo social-material regido por cinco lógicas: (i) o mercado, (ii) a tecnociência, (iii) o consumo, (iv) a indústria cultural e as novas tecnologias de comunicação, e (v) a cultura individualista democrática.

Lipovetsky (2009) suscita a história de expansão de marcas de luxo como resultante de uma sociedade que traduz viver bem com momentos de emoção, possíveis a partir de momentos vividos no uso daquilo que é representado como qualidade, felicidade e sucesso de vida. Sim, a literatura de autoajuda reforça este estereótipo de felicidade a partir da captura de lugares comuns, de momentos fugidios que podem estar numa garrafa de vinho, num cruzeiro, num jantar em um restaurante. Qualquer destes espaços são acessados mediante o dinheiro. Porém, para Lipovetsky, não é a mera ostentação da riqueza que produz sujeitos consumidores. É a vontade de experimentar alguma

emoção ao realizar suas ações. É bem evidente essa diferença, a partir do exemplo da demonstração de riqueza. É possível acompanhar isso pelo eixo da cultura individualista democrática que favoreceu a emergência de sujeitos historicamente periféricos na estrutura social. O caso da mulher, por exemplo: Lipovetsky dá ênfase ao pressuposto de que outrora ‘expressar riqueza implicaria na facilidade em dotar o/a parceiro/a de joias banhadas a ouro e pedras de diamantes. Atualmente, as mulheres consomem, em maioria, seus próprios acessórios de luxo. Há uma satisfação pelo estilo que escolheram, pela sensação de que estão mais valorizadas por isso. Enfaticamente Lipovetsky (2007) desperta a atenção na direção da dimensão da emoção no consumo dos indivíduos modernos. Isso os transportam para um lugar filosoficamente distante das gerações anteriores.

Esta mirada para os tempos hipermodernos sugere que o perfil do indivíduo contemporâneo é trafegado pelos seguintes valores: (i) uma busca por realização de seus sonhos, tendo como gratificação a representação de que a vida é bem vivida em termos dessa praticidade; (ii) a busca por reconhecimento de que podem intervir em seu cotidiano de forma relevante; (iii) estão além da exibição de um estatuto cultural associado a um acúmulo de capital social que distingue quem é quem, na virada deste consumo; (iv) a busca pessoal pela emoção; (v) a possibilidade do indivíduo ser ele mesmo, com suas especificidades de personalidade, a partir do vasto campo de escolha para expressar sua individualidade.

Como o capitalismo estimula o consumo “permissivo e hedonista” observa-se consequentemente a maleabilidade estrutural pela qual os indivíduos podem escapar. Sim, para Lipovetsky, o hiperconsumo precisa de sujeitos cujas sugestões de expansão são personalizadas. A isso Lipovetsky (2004) associa a precariedade das estruturas culturais, reconhecidas por ele pela negação da socialização disciplinar. Em termos concretos, o indivíduo ser absolutamente ele mesmo, de realizar-se, de ter respeitada a sua singularidade subjetiva, de ter e ser uma personalidade incomparável, de viver livre e sem pressões, de escolher o seu modo de existência (GONÇALVES, 2011, p. 330).

Desta maneira, o indivíduo hipermoderno é caracterizado pelo investimento em sua individualidade, com independência afetiva agregada de um vazio emotivo. Cada um num mar de livre associações fazendo uso da indiferença como uma categoria de civilidade, entregando-se às suas paixões pouco duradouras e reconhecendo-se maduro pelo investimento que faz no instante, uma vez que a vida é breve e indeterminada.

Zygmunt Bauman e a deflação dos laços sociais

Com um diagnóstico um tanto quanto similar acerca das relações sociais constitutivas do indivíduo em tempos contemporâneos, Bauman acentua o desapego como um elemento que emergiu à categoria de direito essencial para o bem-estar particular. Isso mesmo: apesar das consequências incontrolláveis desse novo costume, o desafio vem sendo atenuado pelas dinâmicas das redes sociais traduzidas nos esquemas cotidianos de ação. Isto é, o indivíduo assumiu-se faltoso e incerto de seu horizonte, entretanto ele não deixa de correr numa direção turva de futuro.

Algumas poucas reticências podem ser observadas em formas recentes de convivência coletiva. Um campo social transpareceu irresistível visto que trouxe miutas novidades. A questão convidativa da liberdade e o paradoxo desagradável da insegurança. Assim diz Bauman: Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela (BAUMAN, 2003, p.10). Tal temática costuma aparecer, invariavelmente, na obra do autor. Ele aborda as questões do indivíduo relacionado diretamente à sociedade ou, mais especificamente, à comunidade pela qual se sente representado. Deste modo, Bauman acredita que a pós-modernidade traz ao indivíduo a obrigação de se posicionar perante esta dicotomia: ou se tem muita segurança em detrimento da liberdade, ou se tem tamanha liberdade havendo ausência da segurança. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito (Op.cit., 2003, p.10), o que significa dizer que pode haver o equilíbrio entre ambos, mas nunca o gozo simultâneo e pleno deles. Este paradoxo se materializa no seio da comunidade, onde

Nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir — mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. (BAUMAN, 2003, p.8).

Assim, a comunidade surge como um ente social capaz de confortar seus

membros - e não à toa atrai a muitos -, e como expressão da coercitividade ela constringe seus membros a se integrar devotando os últimos sinais de liberdade neles presente. Sendo assim, o indivíduo consolidado numa comunidade segue impelido a agir de acordo com seus ditames, costumes e preferências; a ele não cabe expressar as peculiaridades pessoais, pois naquele recinto cada sujeito é uma partícula sem muito sentido no corpo social, passando a só ter expressão no todo. Comunidade, neste sentido, é a expressão da coletividade, dos valores coletivos, da concepção de coerção social durkheimiana à luz da realidade; coaduna-se com a segurança.

Em contraponto, a individualidade, como estrutura relativamente oposta à comunidade, expressa-se na liberdade, que no cerne dos grupos sociais encontra dificuldades de expressão; tem sido assim ao longo da história, com o sujeito constantemente fazendo acordos em troca de um benefício que lhe parecia calhar naquele momento. Foi assim na vida feudal, onde se concedia a liberdade em troca da segurança que os feudos davam aos servos e, mais à frente, na modernidade europeia, onde o homem buscou e foi conquistando a liberdade através do processo de reconhecimento de si, sua natureza e sua individualidade (BAUMAN, 2003). Observando o curso da história pode-se sempre perceber a luta entre estas duas naturezas aparentemente antagônicas, como no episódio do cativo hebreu, onde havia a segurança, mas a liberdade era cerceada completamente pelos egípcios, o que fez com que os cativos lutassem pela retomada de sua liberdade.

Deste modo, como seus antepassados, o sujeito da pós-modernidade é constantemente compelido a tomar uma posição diante do mundo: abdicar da liberdade em prol de uma segurança comunitária ou gozar da liberdade individual e correr os riscos de revogar algumas seguranças do dia a dia? Contudo a natureza líquida da pós-modernidade confere a ele insegurança na própria segurança. Não há mais como garantir que a participação numa comunidade confira segurança automática e vitalícia ao participante, assim como não há mais garantias do exercício pleno das liberdades. Talvez por isso a opção por uma ou outra seja tão pautada na opinião pessoal e não mais pelas estruturas, como fora tempos atrás. O sujeito não precisa mais consultar a outros o que será melhor para ele, afinal a decisão é especialmente subjetiva, o que anula em certa medida o peso da estrutura. Enquanto em outras épocas a perspectiva momentânea, no campo sócio-político e intelectual, interferiam bastante na postura do indivíduo, na pós-modernidade o sujeito tem

Na produção intelectual de Bauman, sobretudo em Amor Líquido

(2004), as questões concernentes a relacionamentos são estudadas sob a ótica da pós-modernidade. Para o autor, os novos tempos trouxeram uma nova lógica de observação e condução dos relacionamentos (este último termo, aliás, parece muito forte para o autor uma vez que implica num investimento duradouro a algo que tem perdido esta característica). Na pós-modernidade a lógica de descarte, tão difundida pela indústria de consumo no último meio século, tem se tornado tão ordinária que passou a se enquadrar no *modus operandi* dos relacionamentos. A conclusão a que Bauman nos convida é que as pessoas tratam os relacionamentos como mercadoria, de modo que, se não mais os interessam, podem ser desfeitos.

Assim, a sociedade tardia tem se relacionado de maneira fugaz, criando laços frágeis, que mais se assemelham a redes (e este termo calha na obra de Bauman por remeter às novas tecnologias e formas de comunicação típicas dos últimos anos). O sujeito tem se relacionado de maneira semelhante a que funciona as redes sociais, espaços virtuais onde podemos criar e desfazer amizades com alguns cliques. É na pós-modernidade que o sujeito encontra terreno para usufruir de outras pessoas de maneira instantânea, de checar seus perfis, verificar compatibilidades e comparar gostos semelhantes. Deste modo, o indivíduo detém ferramentas capazes de possibilitar a “escolha” de outros indivíduos para fazer parte de seus círculos mediante a vontade única e exclusiva dele. Por mais prático que pareça, Bauman faz o paralelo com a indústria de consumo e nos apresenta o quão nefasto isto é: os sujeitos são nada mais que produtos na prateleira, que são acessados sempre que interessar ao “consumidor”. Algumas redes sociais, inclusive, oferecem outros usuários como opções, com os mecanismos imediatos de rejeição e aceitação para uma conversa ou um encontro. Quando se é traído pela qualidade, tende-se a buscar a desforra na quantidade. Se os compromissos são irrelevantes’ quando as relações deixam de ser honestas e parece improvável que se sustentem, as pessoas se inclinam a substituir as parcerias pelas redes (BAUMAN, 2004, p.8). O trecho só evidencia o quanto o medo pelo compromisso e pela estabilidade fazem com que as pessoas tenham redes afixas, frágeis, capazes de se dissolver facilmente. A hipótese de Bauman sobre o indivíduo contemporâneo é de que este, sujeito pós-moderno, atua para evitar apegos.

Bauman insiste na constatação de que as amizades, por exemplo, constantemente se constroem com a mesma velocidade que podem se destruir, muito em função do pensamento voltado para a descartibilidade do outro. A insegurança, o egoísmo e a solidão do novo ser humano líquido levantam barreiras sobre as amizades e as relações familiares que só dificultam o

desenvolvimento de laços sociais. Basta analisar o modo com o qual tratamos o outro, hoje: não há o anseio pelo contato físico, já que o virtual supre boa parte dos interesses ali colocados; não há busca pelo fortalecimento das amizades, dos amores, das famílias, porque a globalização oferece distrações e separa uns de outros por infinitas razões, das quais tantas outras estão diretamente relacionadas ao capital. A condição do sujeito na pós-modernidade, ao menos no campo das relações interpessoais, é a de isolamento, solidão, fugacidade e insegurança perante o outro.

Considerações finais

A partir do diagnóstico destes dois filósofos contemporâneos é possível perceber várias assertivas acerca dos modos de vida recente. Há novos valores e condutas forjadas a partir de ações racionais destinadas a converter o mundo numa grande experiência particular. Deste modo, há indivíduos independentes, ousados, buscadores irrefreados de propósitos que possam consubstanciar suas existências de prazer. Além disso, é possível chegar a uma conclusão similar em ambas perspectivas: a sociedade pós ou hipermoderna produz sujeitos para o consumo e, por sua vez, produz incessante carências nos indivíduos.

É possível compreender esse consumo por meio dos conceitos de velocidade e de obsolescência. As coisas e as experiências são tidas como precárias. Desta maneira, devem ser substituídas por um novo. Isto é, uma nova experiência singular e transformada, mas nunca uma mera repetição sem marca de ineditismo na apresentação do self. As pessoas também são narcísicas, uma vez que se comportam como no seu próprio mundo particular. O indivíduo dos tempos atuais é o que instrumentaliza as representações de seu self conforme seu gosto, sua escolha e sua aptidão.

Também é presente na obra dos autores, embora não diretamente desenvolvida neste texto, as crises que vieram no auge deste consumo: a desregulamentação ambiental transformado em novo marketing de apresentação pessoal. Em síntese, é correto e elegante apresentar certa consciência ecológica e ponderar a necessidade de modos sociais que possam minorar os danos na natureza. Embora essa seja uma crise real e, de fato, deva ser tratada como um problema político e econômico próprio da agenda das corporações, sobretudo a indústria e o agronegócio, que gastam mais de 80% do consumo de água potável no mundo. Apesar disso, o indivíduo contemporâneo é cortado por uma ética

particular atravessada diretamente por esta nova demanda universal. Não menos grave que o problema ambiental é o social, evidenciado pelo aumento da desigualdade e, portanto, vinculador de valores e lugares na estrutura social, conforme esta distribuição desigual de indivíduos. Inegavelmente, deve-se frear esse modelo de produção econômica do acúmulo e do desperdício. Segundo Bauman, a liberdade impõe um dever ético. Portanto, o ato de consumir torna-se num ato de cidadania, regado pela manutenção do bem-estar comunitário.

Segundo os autores, uma vez que este mundo globalizado submeteu as atividades políticas ao mercado, a cidadania deve ser discutida concomitantemente ao impacto do consumo. Talvez, resida nesta premissa, uma proposta de projeto coletivo para o qual os cidadãos devam ser sensibilizados. Ou seja, se o mundo é individualista e heterogêneo, a revolução será comportamental. O consumo é mais do que a apropriação individual é uma representação contemporânea que estrutura a ação.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 144 p.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2011.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petropolis: Vozes, 1978.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CHARON, Joel M. *Sociologia*. São Paulo: Editora Saraiva, 2004.

FREITAG, Barbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GONÇALVES, Marco Antônio. *Indivíduo hipermoderno e consumo*. In: Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar. São Carlos: Ufscar, 2011.

HARBERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Bancarolla, 2004.

The condition of the individual in post-modernity: readings of Bauman and Lipovetsky

ABSTRACT

This article is an exposition of philosophy by Zygmunt Bauman and Gilles Lipovetsky. Both develop broad reflections on contemporary lifestyles. Both emphasize the values that govern the behavior of individuals. Both see the current moment as ambivalent: (a) We live more, we manipulate nature in our favor; (b) We suffer intensely the boredom and we cross the sorrows by means of a deregulated consumption, which claims the affirmation of a narcissistic, fragile and superficial way of life. Our goal is to take a look at the condition of the individual in postmodernity and to understand contemporary patterns of behavior.

Keywords: Individual, postmodernity, rationality.